

# Arqueologia da Morte: enterro de índio, vida de jesuíta, história que se escreve em cacos.

*André Luis R. Soares<sup>1</sup>*

*Saul Eduardo Seiguer Milder<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O achado de um enterramento guarani em urna funerária no centro do estado do Rio Grande do Sul coloca a questão do contato com o europeu, a manutenção dos rituais de morte e a aquisição dos bens de consumo de troca trazidos pelos jesuítas em um período histórico no qual somente os espanhóis haviam estado em solo gaúcho. Através de um resgate arqueológico, pudemos observar características da cultura Guarani idênticas ao período pré-histórico, como o enterramento em urnas, ao mesmo tempo que a presença de bens adquiridos dos europeus, como contas de colar e lâminas de metal compondo o ajuar funerário, revelando o status dos mortos e a importância dada a estes bens.

**Palavras-chave:** arqueologia; guarani; rituais de morte.

## A questão da morte na sociedade Guarani

### Os dados etnográficos e históricos

A ligação entre os Guaranis arqueológicos e históricos é inegável (SCHMITZ, 1991 e BROCHADO, 1991), assim como o parentesco e a proximidade cultural entre os Guaranis e os outros falantes do tronco lingüístico Tupi-Guarani é sobejamente reconhecida desde Métraux (1958) até os dias atuais (NOELLI, 1993).

Desta forma, utilizamos analogias em dois níveis para a interpretação dos dados disponíveis: a analogia histórica direta, baseada na continuidade cultural, social e material; e a analogia etnográfica como complementar das informações arqueológicas e históricas (SOARES, 1997).

Sendo assim, buscou-se nos documentos do período colonial o maior número de informações a respeito das formas de enterramento, rituais funerário e destino dado ao corpo após a morte. Neste sentido, as informações contidas nos dicionários de Montoya<sup>3</sup> proporcionam alguns dados utilizáveis quanto às possibilidades de enterramento e, por que não dizer, um pouco da cosmovisão Guarani a respeito do além túmulo. Com efeito, os verbetes existentes no Vocabulário de la Lengua Guarani, de 1722 (escrito entre 1717-1719 e publicado novamente em 1876), apresentam a morte da seguinte forma *añemoçaêna*. 1. *añemboçacoy*. 1. *Ambae enondea* 1. *Añeenondea chemanongatupiri haguârehe*, "disponer-se para morir ó ponerse en viaje" (pg. 251), diferente da visão européia, eurocêntrica e cristã do jazigo - *Añotî*, "sepultar", *ybyqua*, "sepultura para enterrar", *teôngue corá*. 1. *noonga*, "cementerio, lugar en que se entierran" (p. 493).

Seria largo e talvez desprovido de sentido todas as passagens a respeito dos tipos de enterramentos na documentação histórica. Uma revisão breve pode ser vista em Noelli (1993, p. 106-109). No caso dos grupos Guaranis historicamente conhecidos, alguns breves exemplos podem dar conta da complexidade do tema em nível arqueológico.

Generalmente, el entierro tiene lugar en la choza del fallecido, aproximadamente a un metro de profundidad bajo tierra. Si el Pañ muere fuera de la choza, y es enterrado fuera de ella, entonces debe colocarse por encima de su tumba um techo protetor. Al muerto se le agrega en la tumba todo su haber personal antes también rifle y machate – éstos, hoy en dia casi siempre exceptuados - pero no tocado por los parientes. Por eso no hay entre ellos derecho sucesorio” (MÜLLER, [1913] 1989, p. 30) (sobre os Pañ-tavyterã, conhecidos também como ñandeva ou Pay).

[...] quando se muere alguno ayunan dos dias; todas las de su casa no comen carne ni van al rio... y las indias han de llorar a gritos y se suellen dar muy crueles golpes; enterran su difuntos en el campo o hacienda, sobre la sepultura unas choçuelas y de quando en quando van a limpiar la yerba que nace en ella porque asi dicen que descansa el difunto; cortan los puños de las hamacas en que los entierran porque si no, moriran otros de la misma casa, por la misma raçon quitan las cuerdas de hamaca, y en la sepultura (CORTESÃO, 1951, p. 274) (dos Guaranis do Guairá, 1549).

Estas citações seriam suficientes para mostrar que, em termos de analogia etnográfica ou etno-histórica, os guaranis e seus parentes lingüísticos formariam uma bela “colcha de retalhos”, como costuma acontecer. Mas talvez a citação de Susnik (1983), adiante, seja suficiente para se entender que não há, segundo a bibliografia, um padrão de enterramento, mas diferentes possibilidades frente ao grupo e ao *status* social.

Los hallazgos arqueológicos de las urnas funerarias confirman la amplia difusión de este tipo de entierro; entre los antiguos Guayráes, Tapés, Paranáes, Carios, Itatines, testemoniando las urnas también la presencia de los Guaraníes en las islas del R. Paraná Inferior. (p. 67) Carecemos de ditos para deslindar si el entierro era obligatorio para cada miembro de la comunidad o solamente reservado al status de prestigio o limitado según status por sexo y edad. Al parecer, coexistían varias prácticas enterratorias, desde las fosas simplemente calafetadas hasta la urnas dentro de una misma parcialidad; los hallazgo arqueológicos constatan que existían cementerios fijos comunales, donde es fácil hallar la urna con restos óseos debidos, o "yapepó" vacíos o simplemente las tampas sueltas de cerámica que cubrían el cráneo sólo. El entierro primario en urnas correlacionábase, a todo parecer, con el status de prestigio del difunto, incluyendo a los "tuvichá, teýy-rú, avá-eté, karaí, payé"; el entierro secundario de huesos, una vez acabada la putrefacción del cadáver, resguardado entretanto en una hamaca, no era muy generalizado entre los Guaraníes. (...) (p. 68). Los antiguos Guayráes enterraban en el campo cercano a sus aldeas a veces, en fosas calefatadas y erigiendo cubertizos en miniatura sobre las sepulturas, otras veces enterraban en la misma choza, pero cuidando de que se corten los puños del hamaca en la que yacía el cadáver para prevenir la muerte de un otro miembro de la familia parental; en la fosa no debiera de hacer basura alguna, pues esto significaría la probable muerte de un miembro de la misma parcialidad (CORTESÃO, 1969, p. 274).

[...] Los Itatines-guarayúes al emigrar del Alto Paraguay, abandonaron esta práctica. (...) Los actuales guaraníes abandonaron el entierro en urnas... Los Mbyá-guaraníes entierran el cadáver, en posición fetal, en una fosa calafetada dentro de su choza, ésta luego abandona inmediatamente; tiran algunas flechas sobre la choza y prenden fuego; se erige un cobertizo de hojas de palma en miniatura (p. 69) o simplemente se clavan algunas flechas en la sepultura (AMBROSETTI, p. 738) (SUSNIK, 1983, p. 67-69).

Baldus(1970) relata as semelhanças para os grupos Tupis através de uma ampla revisão bibliográfica, os enterramentos no interior das casas:

O costume Tapirapé de enterrar o morto no interior da casa era ou é praticado por muitas tribos Tupí, a saber, pelos Tupinambá (Léry Gabriel Soares de Souza), Tembé (Dodt), Juruna (von den steinen), Xipáya (snethlage), Apiaka (Guimarães), Mundurukú (Martins, Tocantins), Kavañib Paratintin (Denguem Garcia de Freitas), Kaingua (Ambrosetti), Guaraní (Metraux), Chiriguano (IB.), Kokama (IB.) e Arireme (Lopes). (...) Seja como for: o costume de sepultar o morto dentro da casa onde morou, e de continuar habitar esta casa mostra os Tapirapé como parentes dos Tupinambá e da maior parte das tribos da mesma família lingüística diferenciando-os dos Karajá (Krause), dos Kayapó (IB.) e das tribos do Culiseu (Von Den Steinen). (BALDUS, 1970, p. 157).

Baldus(1970) compara, analiticamente, a terminologia Tapirapé ao Vocabulário de Montoya, talvez esquecendo as diferenças entre a língua dentro do contexto cultural e a descrição lexicográfica dos termos utilizados: “Cova é, em Tapirapé, yuykuana, sendo yuy “terra, solo”, e Kuana “buraço”, o que corresponde ao termo guarani dado por Montoya com a tradução “sepultura para enterrar” (p. 301).

Também existem diferenças gritantes, como na passagem a seguir, sobre as dimensões e a forma de enterramento:

“A escavação tem cêrca de 1m de profundidade e é feita no lugar sôbre o qual pendia a rede do defunto no momento de morrer. A cova de pessoas importantes e de suas mulheres e filhos é revestida completamente de madeira colocadas quase diretamente sôbre o cadáver para protegê-lo da terra e apoiadas em paus fincados verticalmente nos lados estreitos da escavação. (...) O cadáver é enterrado estendido na rêde com a cabeça para o oriente e os pés para o ocidente, os braços estendidos (p.

302) Ao longo do corpo, as pernas estendidas e sem atadura de espécie alguma (BALDUS, 1970, p. 302).

Esta passagem deve ser contextualizada sob diversos aspectos. Primeiro, se buscarmos uma analogia aos enterramentos Guaranis, observaremos a falta das vasilhas cerâmicas como 'caixão'. No entanto, e antes de nos precipitarmos, devemos lembrar que a obra de Baldus é escrita sobre as experiências dos anos de 1929-1935, momento no qual o próprio autor coloca as pressões externas que impelem os Tapirapé a mudanças indesejáveis, ao mesmo tempo em que impossibilitados de reproduzir certos hábitos como a confecção de recipientes cerâmicos.



*Desenho 1: Sepultura Guaraní, segundo Vignati (1953, lâmina VII). Observe que acompanham o enterramento cabaças e outros vasilhames.*

Por outro lado, mantém-se a idéia, talvez principal, de evitar o contato do falecido com a terra que cobre o túmulo, mas não deve tocar o corpo. Esta referência enquadrar-se-ia na passagem dos Tupinambás do litoral que afirmavam ser o estômago do inimigo a melhor sepultura, pois o peso rude da

terra só serviria para os velhos e enfermos (Apud CUNHA e CASTRO, 1986).

[...] Acerca dos Tupinambá, escreve Gabriel Soares de Souza: 'E quando morre um principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as cerimônias seguintes. [...] E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, metem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga em um pote em que ele caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias'. [...] Métraux frisa que nas duas formas de enterro tupinambá, na de cova revestida de madeira e na de urna "l'essentiel était d'éviter la pression directe de la terre sur le cadavre. (...) Métraux admite com reservas esta hipótese das influências ocidentais e mostra, em seguida a grande diversidade dos modos de sepultura praticados pelos Tupí-guarani' (BALDUS, 1970, p. 303)".

Outro aspecto relevante para nosso estudo de caso é a questão dos itens que compõe o ajuar funerário, no qual aparecem dois aspectos, a divisão sexual dos enterramentos e as diferentes posições sociais como diferenciador dos preparativos para a 'longa viagem' a ser executada pelo falecido:

Todos os bens do falecido são enterrados com ele, exceção feita do facão de pessoas menos importantes. Ao cadáver de mulheres e crianças juntam panela de barro, mas sem comida ou bebida, 'pois os mortos não podem comer nem beber' (BALDUS, 1970, p. 303).

É importante lembrar ainda que as urnas resgatadas possuíam como conteúdo três pedaços de metal, reconstruídos com o cabo e lâmina de faca, além de uma cunha. No segundo enterramento, mais de quarenta contas de colar demonstram que os proprietários foram enterrados com seus bens.

Porém, não devemos esquecer que o local onde foi realizado o resgate não possuía nenhum indicativo de ser o interior de uma casa, não se presenciando na decapagem do segundo enterramento qualquer sinal de piso de ocupação, buraco de esteio (que caracterizaria o lugar da rede) ou outro elemento definidor de habitação segundo as estruturas de habitação já escavadas.

Ainda segundo Baldus (1970), podemos encontrar uma brecha explicativa para a presença de enterramentos fora da casa: "Fui informado, ainda que os executados como feiticeiros ruins não são sepultados dentro da casa, mas soterrados sem solenidade na mata onde os parentes os podem ir lastimar (p. 302)".

Desta forma, abre-se um leque de possibilidades a respeito dos breves dados etnográficos aqui arrolados, porém suficientes para ampliar a complexidade da questão.

### **O salvamento Arqueológico realizado**

O LEPA (Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas) foi avisado, através do Laboratório de Paleobiologia e Estratigrafia, da existência de uma urna funerária que havia sido encontrada pelo agricultor, Tolentino Marafiga, no distrito de Água Negra, município de São Martinho da Serra, distante 27 quilômetros de Santa Maria-RS. Esta área tem projeto de pesquisa cadastrado no IPHAN, abrangendo este município e mais os municípios de Itaara e Santa Maria.

O agricultor quebrou a tampa da urna quando usava seu arado de tração animal, percebendo tratar-se de um enterramento indígena. É interessante realizarmos um parên-

tese a respeito do personagem desta história, o Sr. Tolentino. Técnico de refrigeração aposentado, o agricultor tem por leituras de lazer a paleontologia e a arqueologia. Seis meses antes de encontrar as urnas, ele havia identificado um fóssil de um réptil em suas terras, chamando a equipe da universidade para o resgate. A identificação do fóssil deu-lhe respaldo frente à comunidade que passou a tratar-lhe com mais respeito diante de “achados estranhos” nas terras cultivadas.

Devido ao seu conhecimento amadorístico do assunto, ao deparar-se com a panela-urna e a tampa quebrada, tratou de escavá-la, pois, segundo suas palavras, “sabia que se houvessem ossos, seriam frágeis e deveria fazer um resgate imediato”. Não encontrando ossos, tratou de recolher o que de sólido havia dentro das urnas, algumas contas de colar de vidro azul em decomposição e três pedaços de metal. Como a comunicação havia sido realizada a outro laboratório, a distância entre a descoberta e o resgate foi de três meses.

Quando o laboratório de arqueologia foi avisado, já haviam passado três meses da ‘escavação’ do Sr. Tolentino. Tratamos de realizar o resgate o mais rápido possível, pois outros projetos estavam em andamento. O local encontra-se na propriedade do Sr. Eloir Canabarro, com as seguintes coordenadas GPS Zona 29J, Datum América do Sul - Brasil sul, 29° 35' 54.4" Sul e 53° 51' 40.0" West, na altitude de aproximadamente 230-270 metros. É uma elevação distante entre 300 e 500 metros do curso d'água mais próximo, o rio Ibicuí-Mirim, em um cerro que se apresenta como divisor de águas na região. O raio de visão do local estende-se por mais de cinco quilômetros, circundado por morros por um lado e uma vasta planície agrícola por outro. Estes morros pertencem a formação Serra

Geral e Formação Botucatu, compostos de basalto e arenito. Trata-se de uma encosta de uma estrutura geológica erodida e aplainada, onde os solos são predominantemente arenosos devido a contribuição da área fonte Botucatu. O clima atual é do tipo Cfa, Sub-tropical úmido.

O solo é areno-argiloso com um bom aporte de matéria orgânica, tomando uma tonalidade escura. A composição predominante de areia proporciona a dinamização dos artefatos, causando uma intrusão dos materiais em camadas inferiores, em relação direta com o peso, a forma e as dimensões dos artefatos. A umidade do terreno e o uso agrícola constante permitiram o desenvolvimento de diversas perturbações na composição original do conjunto arqueológico.

Como perturbações de caráter geológico podemos mencionar a dinâmica do solo e as intrusões (elúvio e ilúvio) nas relações areia-argila. Estas movimentações modificam tanto o local do enterramento quanto proporcionam uma dinamização das urnas no sentido descendente, ao contrário da tampa, que devido a forma – U invertido – sofre um empuxo contrário, distanciando ambas e permitindo infiltrações e perturbações na parte interna da mesma (ARAÚJO, 1999, p. 13).

Neste sentido, a estratigrafia apresenta-se perturbada tanto pelo uso atual (agrícola) como pela movimentação dos sedimentos, o que tornou a estratigrafia homogênea e pouco confiável.

As perturbações de caráter biológico podem ser observadas do ponto de vista da fauna e flora. Na primeira, enquadrados os vermes e insetos fossadores<sup>1</sup> que, em virtude do alto grau de matéria orgânica no local, instalaram-se na urna em condições próximas às ideais para a sua proliferação. Idên-

tico processo observou-se se em relação as raízes e hidrófilas diversas que encontraram na cerâmica o manancial de água que a areia drenou para a subsuperfície.

Neste sentido, percebemos a dimensão de bio e geotur-badores que dificultavam a leitura estratigráfica e pós-deposicional do enterramento, uma vez que o resgate foi realizado somente no local da urna, já encoberta pela plantação de milho que crescia. Nosso tempo era limitado e nosso papel bastante claro: o resgate da urna para evitar a destruição desta e obter alguma informação adicional sobre a ocupação do local.

Segundo o Sr. Tolentino, a área do achado estava marcada pelos restos da tampa que ficaram no local. Abrimos uma sondagem para identificar o lugar, preservando a urna. A estratégia era realizar uma quadrícula subdividida em quadrantes, que exporiam a estratigrafia se ainda existisse. O interior da urna poderia ser menos minuciosamente escavado, pois já havia sido anteriormente examinada pelo agricultor.

Para que pudéssemos retirar a urna inteira, escavamos uma quadrícula de 1,5 x 1,5 metros de maneira que duas pessoas pudessem entrar no quadrante e carregá-la para fora sem riscos de quebra ou amassamento. Os fragmentos da tampa mostravam grande erosão e, devido à altura que ainda restava da urna, 48 centímetros de altura e 52 de diâmetro máximo, temíamos que a urna não resistisse a movimentação. Deve-se ter em conta que o LEPA não costuma fazer resgates de caráter oportunistas, mas sim enfatizar as pesquisas sistemáticas. Frente ao apelo do agricultor e o material encontrado, resolvemos abrir uma exceção e realizar o salvamento-resgate do material ainda existente.

Outro parêntese deve ser aberto. A ação do arado havia quebrado a tampa da urna e o lábio superior, a menos de 20 centímetros do solo atual. Desta forma, as estruturas no entorno imediato da urna, abaixo desta profundidade, estariam em seu local original, salvo as perturbações acima descritas. Tínhamos isto em consideração para a escavação da quadrícula se algum material ainda aparecesse como anexo funerário.

Ao norte da grande urna, no limite da quadrícula de 1,5 x 1,5 metros, encontramos outra urna funerária, a profundidade de 50 centímetros. Suas medidas são as seguintes: 24 centímetros de altura e 28 de diâmetro máximo. Coberta com uma tampa, já completamente fragmentada, embora com suas partes mantidas *in situ*, iniciamos o trabalho de escavação desta segunda urna funerária. Decapamos o entorno imediato desta, documentando com fotografias o processo de retirada dos anexos e a tampa que cobria.



Foto 1: escavação das urnas. A primeira já havia sido escavada pelo agricultor; a segunda, encontrada na retirada da primeira. (foto André Soares).

Um aspecto que deve ser salientado é que, no local imediato em um raio de 50 centímetros, acompanhamos a retirada de todos os anexos – pedaços de outros recipientes cerâmicos – a fim de ter um controle o mais perfeito possível de sua posterior reconstrução gráfica. A escavação contou com uma boa documentação fotográfica, considerando os limites de tempo que impediriam o desenho e o caráter da escavação.

Devido à urgência do agricultor e as disponibilidades da equipe, retiramos a segunda urna inteira para escavação no laboratório. Trata-se de uma panela do tipo Yapepó, ou panela de cozinhar, segundo a terminologia de LaSalvia e Brochado (1989), de porte médio, com tratamento de superfície corrugado.

## **O material**

O material resgatado consiste em duas vasilhas da Tradição arqueológica Guarani, associada à cultura dos índios Guaranis identificados no período de contato e colonial. Como foram utilizadas para enterramento secundário, podemos falar em urnas funerárias Guaranis, conhecidas na literatura por Tradição Tupiguarani, subtradição corrugada, já exaustivamente conhecida pela bibliografia do PRONAPA. Em outra classificação poderíamos descrever como Tradição Policrômica Amazônica, Subtradição Guarani, conforme Brochado (1984).

A urna maior, com as dimensões já citadas (48 centímetros de altura por 52 de diâmetro máximo, sem altura ou diâmetro de boca devido a destruição da mesma), já não apresentava material em seu interior, devido a preocupação do Sr. Tolentino, que havia resgatado os artefatos do interior da urna.



Foto 2: urna maior, escavada pelo agricultor. Foto André Soares



Foto 3: tampa de outra urna escavada pelo LEPA. Foto André Soares

Estas peças são duas lâminas de metal, uma peça plana (com forma muito próxima a um cabo), que após a primeira análise pode-se identificar como uma faca com cabo partido e uma lâmina espessa, de seção retangular e gume em forma de bisel (cunha?). Foi citada pelo Sr. Tolentino a presença de pequenas contas de colar azul, mas que um sobrinho havia levado embora. Retornaremos as contas de colar e sua identificação mais tarde.

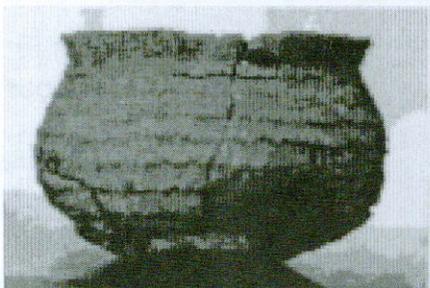


Foto 4: vasilha menor utilizada como anexo funerário da urna ao lado.

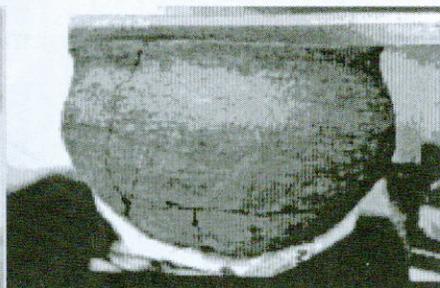


Foto 5: Urna escavada no LEPA. Fotos André Soares.

Na segunda urna, de 23 centímetros de altura por 28 de diâmetro de boca, as perturbações foram causadas pelas raízes

de milho e bioperturbações (larvas e insetos fossadores). Cabe salientar que isso apenas afetou o interior da urna, perturbando o registro arqueológico nos limites interiores da vasilha. Como já citado, as raízes destruíram o material orgânico do interior da urna e alteraram a disposição dos artefatos nela presentes. Da mesma forma, os poucos vestígios ósseos que configuram a panela como enterramento estavam em adiantado estado de decomposição pelos efeitos dos bioperturbadores.

Contudo, pôde-se resgatar diversos fragmentos cerâmicos utilizados como anexo funerário composto por outra pequena vasilha fragmentada com uma dispersão limitada ao contexto do recipiente maior. As suas condições de preservação possibilitaram sua remontagem no laboratório. Esta pequena vasilha corrugada possui 12 centímetros de altura e 14 centímetros de diâmetro. Deve-se observar que o conjunto da vasilha menor estava colocado imediatamente nas laterais da urna que continha os ossos, com sua disposição ao longo da circunferência da vasilha.

A vasilha menor, que estava quebrada no complexo funerário, foi agregada em suas partes maiores ao lado da vasilha que continha os ossos, e o restante no interior. Cabe salientar que, remontada, a pequena vasilha mostrava uma quebra principal no fundo, radial, que poderia ser uma quebra proposital no momento do enterramento. A montagem completa desta pequena vasilha demonstra que todos os seus cacos que estavam dentro do enterramento foram colocados intencionalmente, uma vez que havia uma tampa para cobrir o enterramento. Ao mesmo tempo, como foi possível reconstruir a vasilha a partir dos fragmentos que estavam no interior e

exterior da urna, podemos inferir que esta estava inteira no momento da morte do indivíduo, uma vez que, no enterramento, esta foi passível de reconstrução. Este elemento é ainda mais consistente pela quebra dos fragmentos em quebras ‘recentes’ que permitiram o encaixe perfeito dos fragmentos para a reconstrução do pequeno vasilhame.

Foram escavadas nesta segunda urna mais de 40 contas de colar, de vidro azulado opaco (veneziano?), com referencial no século XVI. O número final é impreciso porque mantivemos um bloco testemunho de terra dentro da urna, para futuras análises de solo.

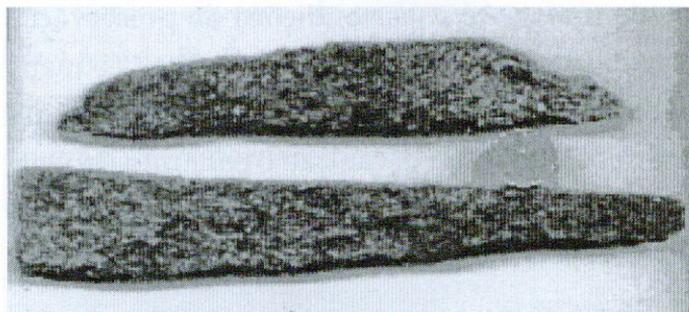


Foto 6: cunhas de metal encontradas na urna maior.

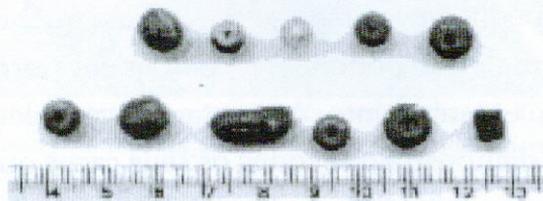


Foto 7: contas de vidro presentes na segunda urna.

Fotos André Soares.

## Arqueologia da Morte: as possibilidades interpretativas

As urnas funerárias são sobejamente conhecidas na literatura arqueológica do sul do país. A presença de material histórico nestes enterramentos, assim como a existência de possíveis dois enterramentos levantam diversas possibilidades de interpretação a respeito deste sítio.

Em primeiro lugar, são duas panelas reconhecidamente Guaranis. O local do sítio faz parte do encontro da Depressão Central com a Serra Geral (Serra Grande ou Serra de São Martinho), na qual encontramos datações próximas ao ano 100/200 d.C., que também são as datações mais antigas para os Guaranis no Rio Grande do Sul.

O enterramento da urna maior pode ser do tipo primário ou secundário, mas as dimensões sugerem que seja secundário, apenas com as partes principais do morto. Estes enterramentos, em nível pré-histórico, estão documentados desde o Paraná até o Rio Grande do Sul (NOELLI, 1993, p. 106-109).

Em segundo lugar, o local do achado é reconhecido historicamente como pertencente a região do Tape, que é uma subdivisão da Província Jesuítica do Prata. As especulações sobre o local exato das reduções da primeira fase ainda persistem, mas o município de São Martinho da Serra disputa, juntamente com São Pedro do Sul, o lugar da redução de São Miguel (1ª fase). Deve-se lembrar que tanto São Miguel de Itaiacecó como Natividade estão situadas às margens do Vacacaí, sendo que a descrição geomorfológica é condizente com o local escavado.

Por um lado, as escavações em São Pedro do Sul são complementadas pela informação histórica fragmentada, adi-

cionada pelo encontro de peças históricas como lâminas de faca e contas de colar, além do local ser conhecido como “Pedra Grande” ou Itaiacecó, ou Pedra que Cai.

Por outro lado, São Martinho da Serra tem tradição oral como passagem dos jesuítas, que não chega a ser nenhuma novidade do estado do RS, mas possui um monte com o nome de Cerro de São Miguel, além dos achados recentes e de outros sítios Guaranis nas proximidades. Além disso, a distância entre os dois municípios, em linha reta, é menor que 30 quilômetros, o que não chega a ser um empecilho em termos reducionais.

Para completar, as datações realizadas por luminescência opticamente estimulada, no Laboratório de Vidros e Cristais Iônicos do Instituto de Física da USP, coordenado pelo prof. Shiguelo Watanabi, dispuseram as seguintes datações, retiradas a partir de amostras da cerâmica pertencente aos enterramentos:

Amostra	cronologia	Observação
01 – urnas	1530 A. D.	80 cm profundidade
02 – urnas	1620 A. D.	80 cm profundidade
03 – urnas	1835 A. D.	Superficial (20 cm)

Outra questão pertinente é a questão do material encontrado dentro das urnas. Lâminas de faca, cunhas de ferro e contas de colar de vidro do século XVIII são, inegavelmente, materiais históricos, que no contexto local serve bem como material de cooptação das chefias indígenas no período reducional.

As passagens sobre os objetos que compõe os presentes para os caciques são quase incontáveis. Para se ganhar um cacique basta uma faca, uma cunha ou uma camisa, segundo Schmidel [1554] (1950).

Nestes enterramentos vemos, como muito citado, as contas de colar. Estaríamos frente a um enterramento de um homem (ou mulher) de prestígio, com todo seu ajuar funerário.

Porém, podemos ir um pouco além do óbvio. Não podemos esquecer que temos duas urnas, uma escavada de forma assistemática e outra de forma sistemática. Sobre o enterramento da primeira urna pouco podemos dizer, além de que é pouco provável que utilizassem este tipo de urna para enterrar apenas as peças de metal. Além disso, lâminas de metal e contas de colar são mais do que presentes, são indicativos de prestígio dentro da sociedade Guarani. Interessante observar que estes objetos, utilizados para cooptação das lideranças, estivessem em um enterramento típico do período pré-colonial, mostrando a zona de transição entre o contato e a redução, quando os caciques eram enterrados dentro das igrejas ou no cemitério.

Devemos fazer nota também aos anexos funerários se, por um lado, as contas de colar e as peças de metal estavam dentro das urnas, fora delas temos uma tampa feita a partir de uma vasilha grande (parede de 20 mm de espessura) de um corrugado extremamente desgastado. A curvatura do fundo sugere um cambuchi (panela) de fundo cônico, do qual estamos remontando, com algumas dificuldades.

A tampa da segunda urna, a menor, merece mais destaque por tratar-se de uma grande tigela de beber, cambuchi caguaba, pintado de branco com friso vermelho no lábio, ain-

da em fase de montagem. Possui 38 centímetros de diâmetro de boca e aproximadamente 30 centímetros de altura. Tem pintura de branco no bojo, além de um friso vermelho no lábio. Apresenta ainda um resto de pintura vermelha sobre branco no ombro, sendo que a pintura está limitada até a cintura.

Além desta tampa, a segunda urna possuía fragmentos da vasilha menor em torno, espalhados regularmente no interior e ao lado da urna. Esta pequena vasilha, que foi toda remontada, é uma pequena vasilha corrugada de borda extrovertida.

Detalhe interessante é o fato da tigela maior cobrir completamente e com folga a urna menor, não havendo a necessidade de agregar outra vasilha com função de cobertura, descartando-se esta hipótese. Por outro lado, a forma como esta pequena vasilha estava quebrada, a partir do fundo e radial, sugere que a quebra foi intencional antes do enterramento, caso contrário faltaria peças no conjunto.

Se unirmos agora, as peças deste quebra-cabeça, podemos sugerir a seguinte questão: o proprietário das urnas, pessoa de prestígio e reconhecido pelos europeus, foi enterrado segundo os moldes tradicionais, com seus bens de importância que afirmam seu status tribal. Os presentes ofertados não garantiram a conversão do provável cacique, caso contrário ele não teria sido enterrado nos padrões encontrados.

Por que o segundo enterramento? Não são raros os casos de acúmulo de funções de cacique e pajé, e a cerâmica pintada sinaliza a manutenção dos rituais de enterramento. A presença de ossos poderia sugerir também duas pessoas enterradas, aumentando a intriga. Por outro lado, a pequena vasilha, própria para remédios e infusões, estaria dentro da relação entre pajé e médico-feiticeiro.

Neste caso, teríamos a segunda urna como aquela que carrega os objetos importantes que pertenceram ao finado. A relação entre o morto e seus objetos pode ser rastreada no período colonial e atual, mas as informações do período de contato são poucas. Se fizermos uma analogia direta entre os Guaranis coloniais e os contemporâneos, observaremos que os objetos do morto são enterrados com ele por razão de sua morte, mas o principal fator desta atitude encontra-se na crença de que as diversas almas do morto podem perseguir aquele que se apossar de seus bens. Como levantamos a hipótese de tratar-se de um pajé, podemos acreditar que o temor ao seu espírito seja o suficiente para evitar roubo ou violação do túmulo, mesmo que fossem objetos importantes.

Assim sendo, considerando-se a hipótese de que nosso personagem era um pajé-cacique, o fato do enterramento fora da casa seria viável e desejável, não havendo ninguém que tivesse coragem de roubar-lhe os pertences.

Outras hipóteses podem ser levantadas, mas acreditamos menos prováveis. Por exemplo, a de que os artigos foram obtidos por terceiros através de trocas. Excluimos esta probabilidade porque estes objetos são de difícil aquisição e não seriam permutados. Bens de consumo ou de prestígio podem ser trocados, mas o circuito de alcance neste momento histórico já estaria reduzido pelas incursões bandeirantes. Os limites de abrangência do *tekohá* e das regiões estavam circundadas pelo avanço *encomendero* e bandeirante.

Outra chance seria a de que estes objetos estivessem sem tanta valia e obtidos *a posteriori* como objetos de troca. Neste caso, não pertenceriam a um ajuar funerário deste porte, com duas urnas.

De resto, esta abordagem é aquela que acreditamos ser possível através do resgate das urnas isoladas de um contexto mais amplo. Talvez sejam conjecturas demais para pouco mais de um metro quadrado, mas deve-se ressaltar que, ao contrário das escavações pronapianas que estabeleciam fases e tradições a partir de cortes de igual ou menor tamanho, nos propomos a interpretar nossos achados a partir do cruzamento das fontes históricas, arqueológicas e etnográficas.

Está longe de nossa proposta seguirmos os passos que tanto criticamos, estabelecendo universos complexos a partir de fragmentos. Ao contrário, estamos partindo dos dados empíricos obtidos no resgate realizado para ampliar os dados existentes. Passamos do momento descritivo da arqueologia, mas também não somos pedantes para estabelecer novas “tradições” a partir de migalhas. Nossos achados, por um lado, comprovam um período de contato entre europeus e guaranis na depressão central. Por outro, mostram que houve uma manutenção nos moldes de enterramento segundo aqueles anteriores ao cristianismo. Ao mesmo tempo, estes dois enterramentos comprovam nossas hipóteses de prestígio, hierarquia e diferenças de status nos ajuares funerários (SOARES, 1997).

Novas escavações sistemáticas deverão responder outras questões, como uso masculino/feminino das vasilhas para enterramento, prestígio do proprietário, faixa etária do defunto, entre outros elementos fora da organização social, como paleoepidemiologia, paleopatologias, longevidade, mas então serão outras histórias.

## Notas

1 Mestre em Arqueologia pela PUCRS, Doutorando em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE da USP. É professor do departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e professor associado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA - UFSM. Desenvolve projetos em Arqueologia, Educação Patrimonial e Pesquisa Histórica. Publicou o livro "Guarani-organização social e arqueologia" pela Ed PUCRS, série arqueologia, vol. 4, em 1997. E-mail: alrsoares@terra.com.br

2Doutor em Arqueologia, coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA - UFSM.

3 Utilização dos dicionários para terminologia de parentesco, ver Soares (1991). Para a validade do dicionário para organização social, Soares (1997). A validade do dicionário como fonte em primeira mão para conhecimento da cultura material Guarani, ver Noelli (1993). Neste trabalho utilizo a versão de 1876, publicado sem alteração alguma, conforme prefácio de Julio Platzmann.

4Sampaio registrou, para a destruição de cadáveres, 104 espécies de insetos distribuídos em 51 gêneros de insetos, entre dípteros, coleópteros, lepidópteros e outros (SAMPAIO, 1929).

## Referências Bibliográficas

BALDUS, H. **Tapirapé, tribo tupí no Brasil central**. São Paulo: Cia.Editora Nacional, 1970.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern south america**. 1984(Phthesis). University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana-Champaign.

BROCHADO, J. P. A expansão dos tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Dédalo 27: 65-82, São Paulo. 1989.

CUNHA, M. C. ; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Vingança e temporalidade: os tupinambás**. ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO. Rio de Janeiro, 1986, p. 57-78.

MÉTRAUX, A. O índio Guarani, traduzido com autorização do autor, e notas por Dante de Laytano. **REVISTA DO MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS E ARQUIVO HISTÓRICO DO R.G.S.** n° 9. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1958. p. 35-78.

MÜLLER, Franz. **Etnologia de los guarani del Alto Paraná**. Argentina: Societatis Verbi Divini, 1989.

MONTOYA, A.R. **Arte vocabulário, tesoro y catecismo de la lengva guarani**, 4 tomos. Leipzig: B.G. Teubner, 1876.

NOELLI, F.S. **Sem tekohá não há teko**. Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí-RS. 1993 (Dissertação de Mestrado). PUCRS, Porto Alegre.

PROJETO arqueológico Itaipu. 4º Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1978/79) Curitiba: [s.e.], 1979.

SAMPAIO, Luiz Ferraz de. **Da chronologia em thanatologia forense**. 1929 (Tese) Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo.

SCHMIDL, U. **Derrotero y Viaje a España y las Indias**. [1554] 2. ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, Argentina. 1950.

VIGNATI, Milcíades Alejo. **Aportes iconográficos a usos y costumbres de los índios cainguaá**. ANALES del museo de la ciudad Eva Perón. Eva Perón (Buenos Aires), Argentina, 1953.

## Abstract

The finding of a guarani's burial in a funeral pile located in the center of Rio Grande do Sul state put in doubt the contact with europeans. The maintenance in death rituals and acquisition of trade goods brought by the jesuits in a historical period which only the hispanis had been in Rio Grande do Sul. Through a archeological recover we can see guarani's characteristic identical to the pre-historical period, such as burial funeral pile, the presence of trade goods, colar beads, metal blade in the funeral, exposing the dead status and the importance given to this goods.

**Key-words:** Archaeology, Guarani indians, dead ritual's.